

## **Revolução Cubana, literatura e homossexualidade: disputas pela memória de Virgilio Piñera em *Mariel* – *Revista de Literatura y Arte* (1983-1985)**

Caroline Maria Ferreira Drummond<sup>1</sup>

**Resumo:** *Mariel – Revista de Literatura y Arte* foi fundada em 1983, em Miami, por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos durante o exílio massivo de *Mariel* (1980), e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. O projeto editorial coletivo era oposicionista ao regime revolucionário cubano e declarava-se anticomunista, antitotalitário, defensor da democracia e das liberdades individuais, possuindo pujante caráter de denúncia. Em nosso estudo, analisamos como os intelectuais que colaboraram com a revista debateram a literatura, a homossexualidade e a identidade nacional. Nossa proposta central é compreender como o projeto editorial constituiu uma oposição política ao governo revolucionário cubano durante o exílio nos Estados Unidos, por meio de disputas pelas memórias da Revolução e da intelectualidade cubana. Dessa forma, investigamos a seção *Confluencias* da revista, que estabelecia um “contra-cânone” combativo da literatura cubana, com foco no escritor Virgilio Piñera.

**Palavras-chave:** Revolução Cubana; Exílio; Intelectuais.

## **Cuban Revolution, literature and homosexuality: disputes over the memory of Virgilio Piñera in *Mariel* - *Revista de Literatura y Arte* (1983-1985)**

**Abstract:** *Mariel - Revista de Literatura y Arte* was founded in 1983, in Miami, by Cuban writers exiled in the United States during *Mariel*'s massive exile (1980) and circulated until 1985 in the United States, Latin America, and Europe. The collective editorial project was opposed to the Cuban revolutionary regime and declared itself anti-communist, anti-totalitarian, defender of democracy and civil liberties, having a strong denunciation nature. In our study, we analyzed how the intellectuals who collaborated with the magazine debated literature, homosexuality, and national identity. Our main proposal is to understand how the editorial project constituted a political opposition to the Cuban revolutionary government during exile in the United States through disputes over the memories of the Cuban Revolution and intellectuals. Thus, we investigated the *Confluencias* section of the magazine, which established a combative “counter-canon” of Cuban literature, with a special focus on the writer Virgilio Piñera.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em História pela mesma instituição. E-mail: caroldrummond@gmail.com.

**Keywords:** Cuban Revolution; Exile; Intellectuals.

**Artigo recebido em:** 29/06/2020

**Artigo aprovado para publicação em:** 16/08/2020

## Introdução

Entre abril e setembro de 1980, cerca de 125.000 cubanos deixaram a ilha rumo aos Estados Unidos, durante o exílio massivo de Mariel, dentre os quais havia jovens escritores, artistas plásticos e poetas que não se enquadravam na restritiva política cultural adotada pela Revolução durante a década de 1970. Os escritores marielitos<sup>2</sup>, em grande parte jovens e homossexuais, como Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos, Juan Abreu, Carlos Victoria, René Cifuentes e Jesús J. Barquet, também não se adequavam aos modelos de comportamento estabelecidos para a juventude, que visavam à construção do “homem novo”, tendo sido reforçados pelo Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de 1971. Muitos foram presos ou reprimidos por “conduta imprópria” ou “posse de literatura contrarrevolucionária”, expulsos de universidades, tiveram suas obras silenciadas e impedidas de serem publicadas.

A tentativa de expressarem suas ideias no exílio e de se organizarem como grupo levou à colaboração em projetos editoriais já existentes e à criação de várias revistas em diferentes cidades dos Estados Unidos. *Mariel – Revista de Literatura y Arte* foi fundada em 1983, em Miami, e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. Seu Conselho de Direção era composto pelos escritores Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos, e pelo artista plástico e escritor Juan Abreu. Já o Conselho Editorial, além dos escritores supracitados, era formado também pelos cubanos Carlos Victoria, Roberto Valero, René Cifuentes e Luis de La Paz. As atividades administrativas ficavam a cargo

---

<sup>2</sup> “Marielito” é um termo criado nos Estados Unidos, na década de 1980, para se referir àqueles que chegaram de Cuba pela ponte marítima Mariel-Cayo Hueso. Na época, o termo era utilizado de forma pejorativa. Neste trabalho, utilizaremos “marielito” para nos referirmos àqueles que integraram o exílio massivo e “marielista” para nos referirmos aos envolvidos na revista *Mariel*, pois consideramos que a revista não era representativa de todo o exílio massivo.

da escritora Marcia Morgado<sup>3</sup>, e a reconhecida antropóloga cubana Lydia Cabrera<sup>4</sup>, exilada em Miami ainda nos primeiros anos da Revolução Cubana, atuou como assessora da publicação, somando significativo capital cultural à revista.

Como revista de cultura, um dos principais objetivos de *Mariel* foi divulgar a literatura e a arte cubanas, principalmente a produzida por marielitos, colocando-se como elo identitário entre os intelectuais dessa geração, e conformando um ambiente de sociabilidade intelectual que congregou também dissidentes que deixaram a ilha nas décadas de 1960 e 1970, especialmente escritores relevantes da República cubana (1902-1952), como Lydia Cabrera, Carlos Montenegro, Enrique Labrador Ruiz e Gastón Baquero, e participantes do projeto editorial *El Puente*<sup>5</sup>, como Isel Rivero e Ana María Simo. Acadêmicos de instituições estadunidenses, principalmente professores e estudantes dos departamentos de língua espanhola e literatura ibero-americana, como Enrico Mario Santí e Carlos Rippoll, também compuseram a rede intelectual conformada ao redor de *Mariel*, assim como artistas plásticos e curadores de arte.

A publicação era claramente oposicionista ao regime revolucionário cubano e declarava-se anticomunista, antitotalitária, defensora da democracia e das liberdades individuais, possuindo pujante caráter de denúncia. A revista constituiu-se fundamentalmente como espaço de crítica ao governo revolucionário cubano, tendo a denúncia das perseguições vividas em Cuba, das violações aos direitos humanos e da falta de liberdades individuais na ilha como uma característica marcante de sua linha editorial. Tratou-se de uma publicação anticomunista e liberal pragmática, que congregou intelectuais cubanos de diferentes gerações, bem como dialogou com atores de diferentes

---

<sup>3</sup> De acordo com Abreu (1998, p. 16), a presença de Marcia Morgado, a única escritora educada e criada nos Estados Unidos, foi essencial para o êxito da revista: "*Sin ella Mariel nunca hubiese sido lo que fue*".

<sup>4</sup> "*Lydia Cabrera fue una especie de hada madrina de la revista.*". (ABREU, 1998, p. 17)

<sup>5</sup> Segundo Silvia Miskulin (2011, p. 17), *El Puente* surgiu por iniciativa do escritor José Mario, em 1961, ao buscar um espaço independente para publicações inéditas de jovens, em sua maioria, nascidos na década de 1940. Muitos dos autores da casa editorial eram negros, mulheres, homossexuais e/ou de origem social humilde, apontando para o caráter aberto e polêmico da editora, que buscava dar voz a setores tradicionalmente esquecidos da população cubana. *El Puente* funcionou de maneira independente das casas editoriais estatais controladas por funcionários do governo cubano até 1965, quando foi fechada por decisão do regime revolucionário. Publicaram um total de 37 obras literárias: 25 livros de poesia, 8 de contos e 4 de teatro. Sobre as *Ediciones El Puente*, ver: BARQUET, 2011; e MISKULIN, 2009.

localizações no espectro político dos Estados Unidos, da América Latina e da Europa – desde parcela do movimento *gay* e grupos de *lobbying* cubanos até organizações de direitos humanos e setores conservadores norte-americanos.

### **Os debates sobre a homossexualidade em *Mariel* – *Revista de Literatura y Arte***

Ainda que a discriminação aos homossexuais em Cuba após a Revolução tenha se tornado mais evidente durante a década de 1970, por meio do sistema penal, esta já se fazia notar desde o início da década de 1960. Durante o Primeiro Encontro Nacional de Poetas em Camaguey, no verão de 1960, o general Alberto Bayo, que representava Fidel Castro no Encontro, acusou os homossexuais de serem “pervertidos”, “corruptores da Revolução” e sem lugar em Cuba. A escritora puntera Isel Rivero, que colaborou em *Mariel* posteriormente, estava presente no Encontro e o discurso de Bayo foi um dos motivos que a levou ao exílio. O discurso do general foi rebatido pelo poeta Nicolas Guillén e pela escultora Loló de Soldevilha (MISKULIN, 2009, p. 91-92).

No ano seguinte, em 1961, foi montada uma operação pela polícia no centro de Havana para prender prostitutas e possíveis homossexuais, em 1º de outubro, noite que ficou conhecida como *La noche de las tres P* (prostitutas, pederastas e proxenetas). Virgílio Piñera foi preso no dia seguinte, encarcerado no presídio de El Príncipe. Acusado de crimes políticos e morais, foi solto graças à intervenção de alguns intelectuais, como Carlos Franqui e Edith García Bucacha. Posteriormente, alguns escritores que participaram de *El Puente* foram presos e impedidos de publicarem seus trabalhos (MISKULIN, 2009, p. 91-92).

As Unidades Militares de Ajuda a Produção (UMAP)<sup>6</sup>, por sua vez, funcionaram de 1965 a 1968. Os indivíduos considerados “desviados ideológicos e sexuais” pelo regime revolucionário, como homossexuais; católicos; *santeros*; testemunhas de Jeová; estudantes depurados da universidade; “antissociais” com antecedentes penais;

---

<sup>6</sup> Sobre as Unidades Militares de Ajuda a Produção, ver: MADERO, 2016; MARRERO, 2019; e MISKULIN, 2009.

camponeses jovens que se recusavam a integrar as cooperativas e *hippies*, eram excluídos da participação no Serviço Militar Obrigatório, instituído em 1963. Dessa maneira, eram internados em unidades de trabalho obrigatório para “reeducação” e desenvolvimento de disciplina através do trabalho agrícola. A proposta pretendia influenciar no comportamento dos jovens, ao coibir a liberdade sexual e religiosa (MISKULIN, 2009, p. 93-99).

O objetivo das UMAP era, ao mesmo tempo, econômico, repressivo e ideológico. Pretendia-se “proletarizar” os “desviados”, aproximá-los de uma nova consciência de classe mediante o trabalho agrícola (MARRERO, 2009, p. 97). Segundo Roberto Garcés Marrero (2019, p. 98), a constante da época era homologar virilidade, trabalho operário ou camponês e Revolução. O que não era “viril”, não era revolucionário. E o revolucionário, por antonomásia, eram os camponeses e os operários; logo, a juventude deveria estar em contato direto com eles e seu trabalho.

Até então, aos olhos do regime revolucionário, a homossexualidade representava uma cultura sexual que se expressava em indivíduos hedonistas e indulgentes, associados à burguesia, ao capitalismo e ao “*lumpen*”, que não poderiam contribuir apropriadamente para a Revolução, visto que não representavam o “homem novo” altruísta, diligente e viril. Além disso, a “moralidade revolucionária” se apoiava em expressões da sexualidade e de gênero heteronormativas, como a masculinidade masculina (CAPÓ JR., 2010, p. 84). Representações de gênero não-normativas ameaçavam os ideais da Revolução de 1959. Fidel Castro, durante o exílio massivo de Mariel em 1980, reiterou o compromisso do governo em emitir salvo-condutos e passaportes a todo o “*lumpen*” que solicitasse, e afirmou que aqueles que mais produziam irritação eram os “*flojitos, como dijo alguien, algún descarado que estaba tapadito. Ustedes lo saben, los Comités saben eso bien, mejor que nadie, saben que alguna gente de esa se coló también*” (CASTRO, 1980).

De acordo com Julio Capó Jr. (2010, p. 85), a condenação pública dos homossexuais em Cuba como inimigos da Revolução e potenciais riscos ao Estado representa um paralelo interessante com os Estados Unidos antes da revolta de

Stonewall<sup>7</sup>. O expurgo de homossexuais do governo federal em 1950, por exemplo, devido a receios de que seriam moralmente frágeis à influência soviética e à chantagem, constituindo um risco ao Estado, demonstra outro contexto no qual um Estado tentou regular a sexualidade para avançar em sua agenda política e ideológica. Da mesma forma, os aspectos antirrevolucionários que eram representados em Cuba pelos homossexuais podem ser considerados subprodutos das dinâmicas entre gênero e políticas sexuais, bem como suas relações com o Estado.

Em 1984, a revista *Mariel* organizou uma seção especial (n. 5) dedicada à análise da relação dos cubanos com a homossexualidade. A publicação veiculou testemunhos de homossexuais sobre a vivência no regime revolucionário cubano; uma entrevista com um ativista cubano da *Gay and Lesbian Youth Alliance* – movimento criado em Miami –, na qual se abordava como era ser homossexual na comunidade latina dos Estados Unidos; e a compilação *Leyes cubanas contra el homosexualismo*. Foi o número de maior repercussão da revista, cuja administração recebeu vários pedidos da edição e correspondências a respeito da seção especial.

A publicação acusava o regime revolucionário cubano de promover a institucionalização da homofobia a partir das Resoluções do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, de 1971, e da promulgação de uma série de leis durante a década de 1970. O marielista René Cifuentes realizou a seguinte distinção do tratamento dado à homossexualidade a partir dos *anos gris*<sup>8</sup>(1971-1976):

Si bien nuestra tradición católica y machista nos convierte en un terreno fácil a la fertilización de actitudes antihomosexuales, nunca un presidente había tomado una actitud oficial al respecto. Así la cultura recibía, producto del machismo de sus dirigentes, su golpe de gracia. Hasta ese momento una cierta

---

<sup>7</sup> A revolta de Stonewall, ocorrida em 1969, em Nova York, consistiu em uma série de motins e manifestações violentas e espontâneas da comunidade gay perante uma batida policial no bar Stonewall Inn., ponto de encontro de homossexuais, travestis, drag queens e transexuais. O confronto entre a polícia, os frequentadores do bar e os moradores homossexuais de Greenwich Village irromperam em vários protestos nas noites posteriores, e foram organizados grupos de ativistas que reivindicavam o estabelecimento de locais que a comunidade pudesse frequentar sem medo de batidas policiais. Os motins funcionaram como catalisadores para o surgimento de novas gerações e grupos de ativismo.

<sup>8</sup> Período marcado pelo cerceamento da produção e da vida intelectual, com acentuada influência da União Soviética na organização da economia e da cultura.

tolerancia nos habia permitido publicar libros como *Paradiso* de José Lezama Lima o *Celestino antes del alba* de Reinaldo Arenas, donde el tema homosexual es tratado como una expresión más de libertad: después de 1971 se prohibirian hasta las minimas alusiones al tema, es decir, quedaba prohibida oficialmente la homosexualidad (CIFUENTES, 1984, p. 12).

Os delegados reunidos no Congresso, a partir da compreensão de que a influência de homossexuais seria danosa à Revolução, recomendaram políticas de exclusão e expurgos nos organismos culturais. A homossexualidade foi definida como uma “patologia social” e suas “manifestações” foram rechaçadas em todas as formas (DECLARACIÓN, 1971). Nas resoluções finais do Congresso, afirmou-se que:

[...] não se pode permitir que por seus “méritos artísticos”, reconhecidos homossexuais influenciem a formação de nossa juventude. Como consequência, é necessário analisar como se deverá encarar a presença de homossexuais nos diversos organismos da frente cultural. Sugeriu-se o estudo de medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais, não devam ter participação direta na formação de nossa juventude a partir de atividades artísticas ou culturais. Deve-se evitar que nosso país seja representado artisticamente por pessoas cuja moral não corresponda ao prestígio de nossa Revolução (RESOLUÇÕES, 1980, p. 29).

Em cumprimento da *Resolución* número 3 (1972) do Conselho Nacional de Cultura, que seguia as propostas homofóbicas do Congresso de 1971, vários trabalhadores da dramaturgia (diretores, atores, dramaturgos, coreógrafos, assessores), por exemplo, foram retirados de seus postos e realocados em ocupações das mais diversas. O fator sexual foi determinante em expurgos que visavam eliminar o que se considerava um resquício do passado capitalista e fator debilitante da cultura revolucionária. As dinâmicas de exclusão e solidariedade entre os criadores afastados e as instituições e dirigentes culturais foram regidas por fatores como a existência ou não de um acúmulo de causas para a marginalização (homossexualidade, “problemas ideológicos”, defesa de tendências estéticas marginais), bem como a existência ou não de “madrinhas” ou “padrinhos” que respaldassem os escritores (SABORIDO, 2013, p. 224).

Já a *Ley 1249 de 1973*, que modificou o Código de Defesa Social de 1938, incluiu uma série de delitos contra o *Normal Desarrollo de las Relaciones Sexuales y Contra la Familia, la Infancia y la Juventud*. A versão da lei publicada na *Gaceta Oficial* em 1 de

março de 1979, que endurecia a legislação de 1973<sup>9</sup>, criminalizava, no artigo 359 da seção quarta, sob denominação de *Escándalo Público*, a “*ostentación pública de la homosexualidad*” com penas de três a nove anos de prisão ou multa de até 270 cotas ou ambas:

Se sanciona con privación de libertad de tres a nueve años o multa de hasta doscientas setenta cuotas o ambas al que: (a) haga pública ostentación de su condición de homosexual o importune o solicite con sus requerimientos a otro; (b) realice actos homosexuales en sitio público o *en sitio privado pero expuestos a ser vistos involuntariamente por otras personas* [itálicos nossos] (GACETA, 1979, p. 98).

Percebe-se, dessa maneira, que as resoluções do Congresso de 1971 e do Código Penal se referiam a categorias nebulosas, como “ostentação pública” da homossexualidade e “influência negativa” sobre a formação da juventude. As medidas visavam reprimir a homossexualidade, invadindo inclusive o espaço privado desse grupo social, e indicavam que a homossexualidade não deveria estar presente na esfera pública.

Por sua vez, a *Ley de Peligrosidad*, incluída no Código Penal, estabeleceu a figura delitiva do “estado peligroso”, que abria espaço para que homossexuais fossem enquadrados como “antissociais”, levando em consideração as Resoluções do Congresso de 1971:

Se considera estado peligroso la especial proclividad en que se halla una persona para cometer delitos, demostrada por la conducta que observa en contradicción manifiesta con las normas de la moral socialista. [...] El estado peligroso se aprecia cuando en el sujeto concurre alguno de los Indices de peligrosidad siguientes: (a) la embriaguez habitual y la dipsomanía; (b) la narcomanía; (c) el proxenetismo; (ch) el ejercicio de la prostitución; (d) la explotación o el ejercicio de ‘vicios socialmente reprobables’; (e) la vagancia habitual [...]; (f) la conducta antisocial. Se considera en estado peligroso por conducta antisocial al que habitualmente mediante actos de violencia, o frases, o gestos, o por otros medios provocadores o amenazantes o por su comportamiento en general quebranta o pone en peligro las reglas de la convivencia socialista o burla derechos de los demás o perturba con frecuencia el orden de la comunidad [...] (GACETA, 1979, p. 62).

---

<sup>9</sup> Na versão publicada em 23 de junho de 1973 na *Gaceta Oficial de Cuba*, sancionava-se com privação de liberdade de três meses a um ano, ou multa de 100 a 300 cotas, ou ambas, “1) *el que, con grave escándalo, se dedique a la práctica de actos homosexuales, o haga pública ostentación de esa conducta, o importune o solicite con sus requerimientos a otro; [...]*” (GACETA, 1973, p. 49).

A veiculação na revista das leis contra a homossexualidade em vigor em Cuba na década de 1970 fomentou a crítica ao regime revolucionário cubano por ativistas do movimento *gay* de outros países e deu maior visibilidade às práticas homofóbicas da ilha. O antropólogo, poeta e anarquista argentino Néstor Perlongher, um dos iniciadores do movimento pelos direitos dos homossexuais na Argentina, e exilado no Brasil em 1982, escreveu em correspondência para a revista, em 1984, que, durante visita de Roberto Fernández Retamar a São Paulo, “*fuimos un grupillo a increparle la conferencia que dio, donde dijo que el ‘gulag gay’ había sido un error de la revolución, pero le leímos las leyes publicadas en Mariel que la falaz dijo desconocer*” (PERLONGHER, 1984, p. 38). Perlongher foi um dos fundadores da *Frente de Liberación Homosexual* (FLH) na Argentina durante a década de 1970. A Frente politizou a questão sexual e defendia que "machismo igual fascismo" (REPORTAJE, 1988). Para alguns, a denúncia da homofobia em Cuba e a luta contra o comunismo estavam diretamente relacionadas, como indica correspondência do mexicano José Rafael Calva a Reinaldo García Ramos em 1984:

Me impresionó la calidad alta y uniforme de los textos, así como la sección sobre la homosexualidad en Cuba, fundamental, pues se denuncian objetivamente el sistema cubano, su totalitarismo y homofobia. Por cierto, yo sabía de eso pero no más por "me dijeron", etc. Con todo, sólo dos mexicanos hemos denunciado ese hecho, José Antonio Alcaraz y un servidor. Cuando lo mencioné en una semana de Orgullo Gay organizada por el Grupo Lambda de Liberación Homosexual, la reacción fue de sorpresa, pues estos activistas dizque comunistas y dizque trotskistas, no lo sabían. Lo volví a decir en una entrevista que se publicó en sábado de uno más uno pero aún no me envían copia. También lo dije, por cierto, en un programa de televisión que tuvo difusión nacional en México, una entrevista de una hora sobre homosexualidad; hablé de la persecución de los homosexuales en Cuba y la URSS. Con todo, por primera vez leí documentos de primera mano sobre la persecución en Cuba en el no. 5 de Mariel y muy pronto te mandaré comprar cuatro ejemplares que enviaré a México a grupos gays y activistas. Esto es muy importante, pues la propaganda cubana tiene mucho impacto en México [...] (CALVA, 1984).

Parcela da esquerda mais alinhada à Revolução Cubana via as denúncias das práticas homofóbicas realizadas pelos marielistas com desconfiança. Em 1983, Ruby Rich, cineasta norte-americana vinculada ao movimento feminista, e Lourdes Arguelles,

membro do comitê de redação da revista *Areíto*<sup>10</sup>, publicaram o artigo *The Easy Convenience of Cuban Homophobia*<sup>11</sup> na publicação *gay New York Native*. Tratava-se de um número sobre os “*Gay Latin*” e seus problemas específicos, no qual Reinaldo Arenas e René Cifuentes, editores de *Mariel*, publicaram textos denunciando a discriminação sofrida pelos homossexuais sob o regime revolucionário cubano. O artigo de Rich e Arguelles gerou uma onda de cartas de protesto dirigidas à redação do *Native*, provenientes de intelectuais cubanos e de ativistas do movimento *gay* norte-americano, entre eles o marielista Reinaldo García Ramos, Ana María Simo, anteriormente envolvida no editorial *El Puente*, Allen Young e Scott Tucker.

Segundo as autoras, a geração de *Mariel*, “composta por intelectuais de direita”, estava “mobilizando a questão da homofobia cubana como munição na Guerra Fria”. As autoras entendiam que encontrava-se em curso uma “manipulação sem precedentes da questão *gay* por aqueles engajados na guerra financiada pelos EUA contra a Revolução Cubana”. Afirmavam que uma nova fórmula havia sido criada para atacar o regime revolucionário cubano, a qual se baseava em vincular, inextricavelmente, o socialismo à homofobia:

This strategy seemed to be designed especially for U.S. gay and liberal consumption. [...] Given the virulent homophobia of the Cuban enclaves and the right wing in the United States, it is clear that the construction of an anti-Castro campaign predicated on Cuba's repression of homosexual rights is a remarkable achievement (ARGUELLES; RICH, 1985, p. 132-134).

Rich e Arguelles partiam da compreensão que estavam em jogo interesses que transcendiam a questão homossexual, e que esta estava sendo utilizada como forma de atacar o regime socialista, inclusive por setores homofóbicos da sociedade norte-americana, com os quais os marielistas mantinham contatos profissionais.

---

<sup>10</sup> Revista publicada por exilados cubanos, em sua maioria estudantes de pós-graduação e professores universitários, em New Jersey, entre 1974 e 1992, *Areíto* procurava compreender a Revolução Cubana para além dos discursos da comunidade “tradicional” de exilados cubanos nos Estados Unidos. Simpáticos a ideias de esquerda, os colaboradores defenderam a Revolução Cubana, criticaram o exílio cubano conservador e tentaram forjar uma identidade cubana dentro dos Estados Unidos (PRATES, 2015).

<sup>11</sup> *The New York Native*, número 74, outubro 10-23, 1983, p. 34.

*Mariel* rechaçou a terminologia *new cuban right*, utilizada pelas autoras para se referir a eles, e defendeu que tinham o direito de conformar uma oposição política ao regime cubano e que a questão das práticas homofóbicas em Cuba era pertinente ao tema dos direitos humanos:

Si, nos estamos movilizando: no como marionetas ingenuas en una guerra fria de superpotencias, sino (muy a sabiendas) contra una dictadura que ha permanecido en el poder durante 25 años, contra un sistema represivo que conocemos mejor que cualquier visitante que vaya a la isla protegido por las autoridades y con una ideología predispuesta a creer lo que le digan. Creemos además que el tema de la persecución de los homosexuales es un tema lícito de derechos humanos en el caso de Cuba, de la misma manera que en Sudáfrica lo es el de los negros, en Irán el de los bahai o en Nicaragua el de los miskitos. Tenemos derecho a esgrimirlo y a elucidarlo, y no serán personajes como Rich/Arguelles quienes nos lo impidan (*Mariel*, n. 5, 1984, p. 9).

A revista deslegitimava o lugar de fala de Rich e Arguelles, consideradas meras turistas do sistema socialista, e legitimava seus posicionamentos e críticas a partir das vivências dos marielistas na ilha.

A escritora Ana María Símo, exilada desde fins da década de 1960, escreveu a Reinaldo Arenas e Reinaldo García Ramos, após a veiculação do artigo, sobre a suspeita acerca das motivações políticas dos homossexuais cubanos nos meios de esquerda dos Estados Unidos e da França, e alertou sobre a necessidade de comprovarem suas intenções em relação à pauta homossexual para ganharem aliados nos meios militantes. A escritora sugeriu que a homofobia fosse abordada também entre a comunidade de exilados de Miami, como ocorreu no número 5 de *Mariel*:

Te escribo para decirte que me parece crucial que leamos este artículo no ya para indignarnos, como de costumbre [...] sino, por encima de eso, para algo más importante: para recoger el desafío que nos lanza: el de probar de una vez por todas que no somos una camarilla derechista manipulada por no se sabe qué poderes oscuros, cuyo único objetivo en mencionar la persecución de la homosexualidad en Cuba es utilizar eso como "munición en la guerra fría". [...] Quizás te preguntarás el por qué tenemos que probar nuestras intenciones. Quizás no compartas mi sentimiento de urgencia, de emergencia. Yo llevo 15 años en los medios militantes feministas y gay aquí y en Francia y te garantizo que la sospecha sobre nuestras motivaciones políticas y hasta humanas es enorme entre quienes deberían ser nuestros mejores aliados, y que esa sospecha en parte se ha nutrido de nuestras omisiones y silencios (SIMO, 1983).

Em *Mariel*, além de se denunciar a homofobia presente na sociedade cubana e na comunidade de exilados cubanos, veicularam-se poesias, contos, resenhas e trechos de

obras produzidas por escritores homossexuais, ou que haviam abordado temáticas *gay* ou homoeróticas, como vários dos próprios marielistas, e também dos cubanos Virgílio Piñera, Severo Sarduy, José Lezama Lima, José Mario, Gaston Baquero, Isel Rivero, Lilliam Moro, Nelson Rodríguez, Juan Goytisolo, Ana María Simo, Calvert Casey, José Manuel Poveda, Carlos Montenegro, do argentino Néstor Perlongher e do mexicano José Rafael Calva. A publicação era comercializada por algumas livrarias dedicadas a autores homossexuais e ventilou-se, a convite das editoras *Gay Books Bulletin* e *Gay Sunshine*, a possibilidade de organizar uma antologia de escritores marielistas homossexuais. Contudo, de acordo com Reinaldo García Ramos, *Mariel* “não era uma revista exclusivamente *gay*” (GARCÍA RAMOS, 1984).

### ***Confluencias: memórias e identidade nacional em disputa***

De acordo com Giliard Prado (2018, p. 25), com o triunfo revolucionário e o surgimento de manifestações oposicionistas, a necessidade de garantir a legitimidade do novo regime tornou-se maior, de modo que o governo cubano investiu na propaganda do regime e passou a desenvolver os delineamentos principais das políticas de memória da Revolução. A construção de uma memória oficial ocorreu em Cuba por meio de uma multiplicidade de veículos de propaganda, como órgãos oficiais de imprensa, a literatura, o sistema educacional e o rádio.

Segundo Rickley Leandro Marques (2012, p. 215-236), as narrativas dos escritores marielistas constituem “memórias subterrâneas” da Revolução Cubana, que, como partes integrantes de culturas minoritárias no regime revolucionário, opõem-se à “memória oficial”, no caso, à memória nacional, disputando as histórias de suas juventudes durante o exílio. De acordo com Michael Pollak (1989, p. 9), a memória coletiva e das interpretações do passado se integram em tentativas mais ou menos conscientes de se “definir e de se reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...], de forma a manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade” (POLLAK, 1989, p. 9). O exílio nos Estados Unidos permitiu a emergência

na esfera pública de certas lembranças “subterrâneas” de um grupo até então marginalizado na sociedade cubana (MARQUES, 2012, p. 215-236):

Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de [...] grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (POLLAK, 1989, p. 8-9).

De acordo com Joel Candau (2012, p. 16-21), simultaneamente, a memória é geradora de identidade, no sentido que participa de sua construção. Tal identidade, por outro lado, molda predisposições que levarão os indivíduos a "incorporarem" certos aspectos particulares do passado, fazerem escolhas memoriais, que dependem da representação que eles têm de sua própria identidade, construída "no interior de uma lembrança”.

Como apontou Rickley Leandro Marques, os marielistas buscavam reescrever e reivindicar as histórias de suas próprias juventudes e de seu país, em disputa com os discursos e narrativas oficiais do regime revolucionário cubano. *Mariel* possuía uma seção permanente dedicada a homenagear escritores cubanos que os marielistas entendiam que haviam sido esquecidos ou deturpados pelo regime revolucionário cubano, denominada *Confluencias*:

En esta sección, nos esforzamos por rescatar obras poco conocidas de nuestra cultura, o que hayan sido deformadas o silenciadas por la burocracia del castrismo. Si los artistas que las crearon has dejado de existir, sus obras confluyen hacia nosotros, para que nos iluminemos con su esplendor. Cada obra será seguida de un ensayo, que intentará contribuir a su *correcta apreciación*. [itálicos nossos] (Mariel, n. 1, 1983, p. 16).

Compreendemos que, por meio de suas obras, realizava-se uma releitura do passado e de concepções da identidade cubanas, a partir de uma seleção da produção literária nacional. Ainda, concordamos com Ottmar Ette quando afirma que tal seleção

conformava um “contra-cânone” da literatura cubana, concebendo outra noção da cultura nacional que possuía um caráter combativo:

Es evidente que el canon de autores así establecido sirve como base de una concepción de la cultura cubana para los escritores de la (autollamada) generación de Mariel, tanto la inclusión como la exclusión u omisión de autores tiene una significación paradigmática para el grupo. En este sentido, y considerando los ensayos y las presentaciones de la seccion "Confluencias", que continuamente se refieren a la visión de o al silencio en torno a ciertos escritores en la isla, se puede hablar de un verdadero contra-canon de la literatura cubana, de un carácter combativo fundamental (ETTE, 1985).

Além de disputarem a memória de uma série de autores ao selecioná-los e proporem a “apreciação correta” de suas obras, os marielistas consideravam-se, ainda, como herdeiros das obras e escritores que “confluíam” até eles. Entendemos que inventavam uma tradição que teria sido formada por esses escritores e na qual a revista se inseriria. Segundo Joel Candau (2012, p. 121-122), a tradição deve estar de acordo com o presente do qual obtém sua significação. Ela “será autêntica, quer dizer que terá sua força – a de conferir aos membros de um grupo o sentimento de compartilhamento de sua própria perpetuação enquanto tal – de sua autoridade, aquela de uma transmissão efetiva e aceita” (CANDAU, 2012, p. 121-122).

A tradição corresponde a um “universo de significações coletivas no qual as experiências cotidianas que inscrevem os indivíduos e os grupos no caos são reportadas a uma ordem imutável, necessária e preexistente aos indivíduos e aos grupos” (CANDAU, 2012, p. 121). O que a define, principalmente, é que confere ao passado uma autoridade transcendente. Sua justificativa se encontra não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo (CANDAU, 2012, p. 121-122). Nesse processo de identificação, o exílio, o “insílio”, o passado colonial, as lutas de independência do século XIX e a homossexualidade exerceram funções importantes. Ainda de acordo com Candau (2012, p. 122):

O ato de memória que se manifesta no apelo à tradição consiste em expor, inventando se necessário, "um pedaço de passado moldado às medidas do presente", de tal maneira que possa se tornar uma peça do jogo identitário. Porque a tradição se remete a um passado atualizado do presente, ela incorpora sempre uma parte do imaginário (CANDAU, 2012, p. 122).

A base do imaginário, no caso, é a ideia de representação: “o imaginário é sempre um sistema de representações do mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente” (PESAVENTO, 2006, p. 2). Entendemos aqui como representação “um conjunto que inclui ideologia, linguagem, memória, imaginário e iconografia, mobiliza[ndo], portanto, mitos, símbolos, discursos, vocabulários e uma rica cultura visual” (MOTTA, 2009, p. 21-22).

Entendemos, portanto, que o contra-cânone construído em *Mariel* pode nos fornecer indícios importantes sobre como a revista pensou e disputou a cultura cubana, a identidade nacional e a pauta homossexual. A revista homenageou escritores dos movimentos Romântico e Modernista do século XIX, sendo eles José María Heredía, Juan Clemente Zenea, Gertrudis Gómez de Avellaneda, Luisa Pérez de Zambrana, Julián del Casal e José Martí; e, os escritores do século XX, José Manuel Poveda, Enrique Labrador Ruiz, Carlos Montenegro, Gastón Baquero, José Lezama Lima e Virgilio Piñera.

A seleção realizada pelos editores da revista deixa claro o caráter anticastrista do editorialismo programático<sup>12</sup> da publicação, visto que excluía todos os intelectuais que apoiavam a Revolução, como Alejo Carpentier, Nicolas Guillén, Miguel Barnet, Roberto Fernández Retamar, Fina García Marruz, entre outros. Partia de uma compreensão cultural fraturada da ilha que se “resumia” ao exílio e ao “insílio” (ETTE, 1985), constituindo o que compreendemos como um contra-discurso.

---

<sup>12</sup> Fernanda Beigel (2003, p. 108) aponta que o editorialismo programático das revistas culturais do século XX produzia um espaço de articulação entre política e literatura, promovendo um editorialismo militante: “*las publicaciones y los vínculos intelectuales que promovía este tipo de editorialismo militante actuaban muchas veces como terreno exploratorio y en otras oportunidades, como actividad preparatoria de una acción política concertada*”. Nessas publicações, projetos políticos-culturais e estéticos foram difundidos e debatidos, em uma estreita relação entre difusão cultural e objetivos políticos. Dessa maneira, as publicações periódicas, como textos coletivos, nos conectam não só com as principais discussões do meio intelectual de uma época, mas também com os modos de legitimação de novas práticas políticas e culturais.

## Virgílio Piñera e o insílio cubano em *Mariel*

Ainda em 1961, o escritor cubano José Lezama Lima afirmou que “*no es lo mismo estar fuera de Cuba, que la conducta que uno se ve obligado a seguir cuando estamos aquí, metidos en el horno. Existen los cubanos que sufren fuera, y los que sufren igualmente, quizás más, estando dentro de la quemazón y la pavorosa inquietud de un destino incierto*” (LEZAMA LIMA apud CABRERA INFANTE, 1996, p. 480). As situações de isolamento e exclusão vividas por intelectuais que permaneceram em Cuba produzindo obras que não se adequavam às diretrizes culturais do regime revolucionário sugerem que aqueles que não foram para o exílio experienciaram ostracismo e deslocamento dentro do território insular. O insílio, ou exílio interior, marcou a trajetória intelectual daqueles que optaram pelo silenciamento (sempre relativo) em relação ao exílio (sempre total) (INGENSCHAY, 2010, p. 9).

Principalmente entre 1971 e 1976, durante o auge do *quinquenio gris*, diversos poetas não tiveram nenhuma obra publicada, como Antón Arrufat, Miguel Barnet, Félix Contreras, Belkis Cuza Malé, Manuel Díaz Martínez, Fina García Marruz, José Lezama Lima, Nancy Morejón, Carilda Oliver Labra, Heberto Padilla, Delfín Prats, Virgílio Piñera, Cintio Vitier, entre muitos outros. Em sua maioria, também lhes foi vetada a publicação em revistas culturais cubanas. Além disso, a publicação de livros ou textos fora da ilha podia ser considerada um ato de diversionismo ideológico (ARANGO, 2007, p. 23). Dentre esses, Virgílio Piñera (1912-1979) foi um dos mais homenageados em *Mariel*, que o considerava um exemplo de integridade intelectual durante o insílio.

Nas décadas de 1940 e 1950, Piñera se envolveu nos debates culturais e identitários da ilha, tendo integrado os projetos editoriais coletivos *Orígenes* (1944-1956), fundado por José Lezama Lima e José Rodríguez Feo, e *Ciclón*<sup>13</sup> (1955-1957/1959), o qual fundou

---

<sup>13</sup> O nascimento de *Ciclón* foi consequência de um desentendimento entre os diretores de *Orígenes*, José Rodríguez Feo e José Lezama Lima. A nova revista se distanciou das propostas estéticas de *Orígenes*, e possuía um caráter combativo em relação a sua antecessora: "Lector, he aquí a *Ciclón*, la nueva revista.

juntamente com Rodríguez Feo. Em 1946, viajou a Buenos Aires, onde, com interrupções, viveu durante 12 anos. Na Argentina, realizou atividades como bolsista da Comissão Nacional de Cultura de Buenos Aires (1946-1947), como empregado administrativo do Consulado de Cuba (1950-1954) e como correspondente da revista *Ciclón* (1955-1958).

Com a vitória da Revolução, o escritor integrou diversos órgãos culturais do novo governo. Colaborou no jornal *Revolución*, porta-voz do movimento, dirigido por Carlos Franqui, e em *Lunes de Revolución* (1959-1961), suplemento cultural do mesmo periódico, dirigido por Guillermo Cabrera Infante. Entre 1960 e 1964, foi diretor das *Ediciones R e*, posteriormente, editor na Editorial Nacional. Durante a década de 1960, publicou vários livros, incluindo uma ampla antologia de seus contos, e algumas de suas peças teatrais estiveram em cartaz. Principalmente a partir da década de 1970, com o endurecimento do campo cultural cubano, o fato de ser homossexual lhe trouxe grandes problemas, e só lhe foi permitido exercer a função de tradutor: “*Sus obras dejaron de imprimirse, sus piezas teatrales desaparecieron de los escenarios, su nombre fue excluido de los periódicos, de las antologías y las historias de la literatura cubana, incluso del catálogo de las bibliotecas públicas*” (ARRUFAT, 2002, p. 28). Segundo as memórias de Reinaldo Arenas:

Virgilio Piñera, apesar de sua obra extraordinária já publicada e de toda sua fama, entrava sem dúvida na categoria da bicha de coleira; ou seja: teve de pagar um preço muito alto por ser homossexual. [...] Como bicha de coleira, era um sujeito extremamente autêntico e sabia enfrentar o ônus de tal autenticidade. [...] Virgilio e Lezama tinham muitas coisas diferentes, mas havia algo que os unia: era sua honestidade intelectual. Nenhum dos dois era capaz de dar preferência a um livro por oportunismo político ou por covardia, e sempre se negaram a fazer propaganda do regime; foram, principalmente, honestos com sua obra, honestos com eles mesmos. [...] Naturalmente, foram

---

Con él, borramos a *Orígenes* de un golpe. A *Orígenes* que como todo el mundo sabe tras diez años de eficaces servicios a la cultura en Cuba, es actualmente sólo peso muerto". *Ciclón* pretendia renovar as letras cubanas a partir de uma proposta estética mais plural e diversa, e criticava aqueles escritores que considerava elitistas e desconectados da realidade cubana, como os origenistas. A revista veiculou autores considerados transgressores ou pouco compreendidos, como Marques de Sade, Oscar Wilde, Jean Genet, Macedonio Fernández e Rubén Martínez. A publicação e suas ideias antiorigenistas tiveram ressonância em *Lunes de Revolución* (1959-1961). Além disso, vários escritores que colaboraram em *Ciclón* veicularam textos nas páginas de *Lunes*, como Antón Arrufat, Guillermo Cabrera Infante e Virgilio Piñera (RUIZ BARRIONUEVO, 1998).

ambos condenados ao ostracismo, foram censurados e passaram a viver numa espécie de exílio interior [...] (ARENAS, 2009, p. 107-114.)

Piñera foi um escritor de trajetória intelectual ambígua em sua relação com a Revolução, cuja biografia e memória foram alvos de muitas polêmicas e disputas. De acordo com *Mariel*, na ilha, nunca teria deixado de “*contribuir a la cultura cubana, mientras otros la desprestigiaban con su oportunismo y mediocridad*” (BLANC, 1984, p. 29). A publicação rechaçava a intelectualidade orgânica do regime, pois a considerava pouco crítica ao governo cubano. Para a revista, Piñera representava resistências internas contra o autoritarismo do regime, como demonstra o seguinte trecho da autobiografia de Arenas:

Nossa história é uma história de traições, alistamentos, deserções, conspirações, motins, golpes de Estado; tudo dominado pela infinita ambição, abuso, desespero, orgulho e inveja. Até Cristóvão Colombo, em sua terceira viagem, depois de descobrir toda a América, voltou para a Espanha acorrentado. Duas atitudes, duas personalidades parecem sempre estar em conflito na nossa história: a dos rebeldes constantes, amantes da liberdade e, portanto, da criação e da experiência, e a dos oportunistas e demagogos, amantes do poder e, portanto, praticantes do dogma, do crime e das ambições mais mesquinhas. Essas atitudes têm se repetido ao longo do tempo: o general Tacão contra Heredia, Martínez Campos contra José Martí, Fidel Castro contra Lezama Lima ou Virgilio Piñera; sempre a mesma retórica, sempre os mesmos discursos, sempre o estrondo e o aparato militar asfixiando o ritmo da poesia ou da vida (ARENAS, 2009, p. 120).

Arenas compreendia a história das Américas a partir da dicotomia liberdade/opressão. Localizava Piñera como representante da criação e da transgressão frente ao autoritarismo e, portanto, como representante de toda a história do continente. Ainda que não possamos afirmar que a compreensão de Arenas fosse compartilhada por todos os editores de *Mariel*, a revista atribuía um lugar de relevância para as contribuições desse intelectual para a cultura cubana. A publicação disputou as memórias do escritor com a Revolução, reivindicou suas obras para discutir a identidade nacional, criticar o regime revolucionário cubano e se legitimar intelectualmente.

Na publicação estudada, Piñera era considerado criador de obras-chave para se pensar a nacionalidade cubana, e como exemplo de intelectual crítico e silenciado pela Revolução. Além disso, o escritor era considerado pela publicação como representante de uma “sensibilidade homossexual” na cultura cubana, juntamente a outros artistas. Suas memórias foram disputadas com os órgãos culturais do regime revolucionário cubano. Segundo Reinaldo Arenas (1983, p. 22), Piñera teria sido assassinado cinco vezes pela Revolução.

A primeira morte do escritor foi associada aos eventos do “caso Padilla” (1968-1971)<sup>14</sup> e ao Primeiro Congresso de Educação e Cultura, que marcaram a marginalização de artistas que não se adequavam às parametrizações e ao endurecimento do campo cultural cubano. Assim como outros escritores, suas obras não foram publicadas em Cuba entre 1971 e 1976, e a Lei de propriedade intelectual exigia consentimento da Revolução para publicação fora da ilha. Durante a década de 1970, Piñera passou a exercer trabalhos relacionados à tradução ou edição na Academia de Ciências, juntamente a Heberto Padilla, César López, Pablo Armando Fernández e Roberto Blanco (SABORIDO, 2013, p. 231). Assumidamente homossexual, Piñera ainda sofreu os agravantes das determinações homofóbicas que marcaram o Congresso supracitado.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Refere-se à prisão de Heberto Padilla em 1971, acusado de ser contrarrevolucionário devido à publicação da obra *Fuera del juego* em 1968. Padilla simbolizava um conjunto de escritores cujas obras e posições pessoais contradiziam os parâmetros que alguns setores que operavam na política cultural cubana queriam impor como modelo de intelectual revolucionário. A União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC) considerava que correntes de ideias, posições e atitudes que se nutriam da sociedade abolida pela Revolução estavam crescendo, surgindo um clima de “*liberalismo sin orillas*”. Por sua postura crítica perante os códigos de conduta e o processo revolucionário, os escritos de Padilla obtiveram ressonância em parte da juventude. Após passar um mês incomunicável e perante a insatisfação da intelectualidade internacional com os rumos da Revolução, a UNEAC preparou uma cerimônia na qual o escritor fazia uma autocrítica pública por *Fuera del juego* e por sua “ingratidão” com a Revolução. O “caso Padilla” representou uma mudança significativa nas relações do regime revolucionário cubano com a intelectualidade. A política cultural passou a ser mais restritiva e vários intelectuais romperam com o regime, como foi o caso de Simone de Beauvoir, Italo Calvino, Mario Vargas Llosa, Jean Paul-Sartre, Susan Sontag e muitos outros.

<sup>15</sup> Sobre Piñera e a homossexualidade, ver: MISKULIN, 2013.

O controle das relações sociais do escritor o obrigou a deixar de frequentar a casa dos Ibáñez Gómez, onde, em tertúlias semanais, lia seus escritos e apresentava conferências. De acordo com Ibáñez Gómez:

Su amistad con nosotros tuvo que terminar por “causas mayores”: al cabo de algún tiempo de estar celebrando aquellas tertulias, todos los que participábamos en ellas, excepto mamá y mis hermanas, fuimos citados por el Ministerio del Interior a Villa Marista y nos notificaron que aquellas reuniones tenían que suspenderse. Con Virgilio fueron más duros: le dijeron que su influencia era perniciosa para los jóvenes y que, por lo tanto, le prohibían tener contacto con estos. Para él fue un golpe del cual nunca se pudo recuperar, y hasta su muerte vivió en un permanente estado de terror. (ESPINOSA, 2003, p. 332 apud SABORIDO, 2013, p. 231).

Segundo Reinaldo Arenas, essa teria sido a “segunda morte” do escritor:

La segunda muerte de Piñera ocurre entre 1976 y 1978, cuando la Seguridad del Estado lo somete a un riguroso interrogatorio, lo amenaza con años de cárcel, le confisca gran parte de sus manuscritos y le prohíbe terminantemente leer en lo adelante sus obras entre amigos íntimos, quienes eventualmente se reunían con otro pequeño grupo de amigos para escuchar a Virgilio (ARENAS, 1983, p. 23).

Jesús J. Barquet e Abilio Estévez, que mantinham vínculos estreitos com Piñera, compartilhavam o sentimento de medo que, em algum momento, lhe produziu a relação com um de seus “mestres” literários. Barquet afirmou ter interrompido as visitas às tertúlias por três meses devido ao receio de ser expulso da universidade na qual estudava (BARQUET, citado por SABORIDO, 2013, p. 231). Estévez, por sua vez, afirmou sobre Piñera que: “*Yo, lo confieso, tuve miedo de conocerlo. [···] Entonces me inquietaron los problemas que en el orden social él podía acarrear*” (ESTÉVEZ, 1999, p. 28). Já segundo Antón Arrufat (2002, p. 55), as tertúlias nas casas de Abelardo Estorino e Olga Andreu ocorreram durante toda a década de 1970, tendo representado um ambiente de liberdade para muitos escritores, como Piñera.

Segundo Reinaldo Arenas, o cerceamento ao escritor, entretanto, teria começado ainda na primeira metade da década de 1960 – quando Piñera trabalhava nas *Ediciones R.* –, por meio da censura do conto *El muñeco*, da obra *Cuentos Fríos*:

En 1964, por ejemplo, Piñera publica en Cuba sus Cuentos (bolsilibros, UNIÓN) y vemos que aunque en el índice del libro aparecen sus Cuentos fríos (publicados en 1956 por Losada, Argentina), uno de los cuentos más importantes de esta colección, El muñeco, con el que cierra el libro, es suprimido. ¿Razones? las críticas que al Partido Comunista y a sus miembros le hace ahí (ARENAS, 1983, p. 23).

Em *Mariel*, o escritor é um criador de obras satíricas à Revolução e ao socialismo, enfatizando-se suas obras críticas ao regime. Após a vitória do Movimento 26 de Julho, Piñera escreveu textos apoiando a Revolução, indicando decepções com o passar dos anos. Em março de 1959, Virgilio dirigiu uma mensagem pública a Fidel Castro, na qual afirmava:

[...] Nosotros, los escritores cubanos, somos 'la última carta de la baraja', es decir, nada significamos en lo económico, lo social y hasta en el campo mismo de las letras. Queremos cooperar con hombro con la Revolución, mas para ello es preciso que se nos saque del estado miserable en que nos debatimos (PIÑERA, 1959 apud FORNET, 2007, p. 4).

Assim como vários escritores cubanos, Piñera deu as boas-vindas ao triunfo revolucionário e via os primeiros anos da Revolução com expectativas de mudanças positivas na ilha. Apesar de seu apoio, Piñera, junto a outros escritores de sua geração, foi criticado por não ter participado da luta contra Batista e por uma literatura considerada escapista e que pouco dialogava com a realidade política de Cuba. (ANDERSON, 2009, p. 72) Entre janeiro de 1959 e os primeiros meses de 1961, *Revolución* e *Lunes* veicularam vários artigos de Virgilio que demonstravam seu entusiasmo como escritor em Cuba, seu apoio a Fidel Castro e à Revolução, bem como seu crescente descontentamento com os Estados Unidos e suas ambições imperialistas em Cuba e na América Latina. (ANDERSON, 2009, p. 73) No editorial "26 de julio de 1960", publicado em *Revolución*, o escritor afirmou, por exemplo, que "*es vertiginoso el abismo que se abre entre la Cuba semicolonial de los Batista y compañía y la Cuba revolucionaria que nos ha dado Fidel*" (ANDERSON, 2009, p. 89). No conto citado por Arenas, entretanto, encontramos trechos críticos à propaganda do Partido Comunista no leste europeu ainda na década de 1950:

Ouviram-se alguns aplausos de parte do público que lotava a sala de projeção. Perto de mim percebi um comentário de algum opositor do governo, dois sujeitos riram com risos bufos [...] Eu, ao contrário, senti uma piedade infinita pelo Presidente. Acreditei haver presenciado uma refinada sessão de tortura. Claro que não era a primeira vez que via o Presidente na tela (na vida real acabava sendo muito difícil vê-lo). Não fazia ainda uma semana que minha namorada e eu o havíamos visto doando quinhentas gramas de seu próprio sangue para o Banco de Plasma Sanguíneo Pró-Ajuda Sanguínea à Europa. [...] O mesmo noticiário “apresentou” mais quatro vezes o Presidente. Abrindo a torneira de um oleoduto, fechando a caixa ad hoc que levará um quilo de terra do país ao túmulo do soldado desconhecido, cortando com uma tesoura de ouro a fita que o separa dos touros Hareford, admirando um grupo escultórico no flamante Museu de Belas Artes. A angústia sufocava-me. Cinco vezes! Cinco vezes nosso digno presidente! [...] Tomei voando um táxi. Cinco vezes! A persistente lembrança do Presidente não me abandonava. Ao passar por uma esquina, um cartaz que o mostrava como o primeiro trabalhador da nação fez-me prorrupir em fortes soluços. [...] O presidente não me deixa um só instante. É preciso pensar em alguma coisa que poupe o Presidente de tão sucessivas e perigosas aparições. Mas como? [...] Pus-me a planejar a salvação do Presidente (PIÑERA, 1989, p. 142-143).

Sua obra mais retomada pelos marielistas, porém, foi *La isla en peso* (1943), considerada pela revista um dos poemas-chave para se pensar a cultura cubana. De acordo com Reinaldo Arenas: “*No sé de otro poema más perfecto y totalizador, más magistralmente resuelto en toda la literatura cubana, tan rica en buenos poemas. Si el mismo es básico para la comprensión de la obra de Virgilio Piñera, lo es también para la interpretación cabal de nuestra isla*” (ARENAS, 1983, p. 22).

A obra foi escrita em meio a lutas pela hegemonia de distintas concepções sobre o dever da cultura e foi contemporânea da fundação de projetos editoriais coletivos como *Orígenes*. Predominavam sentimentos de frustração e instabilidade devido ao fracasso dos projetos nacionais e à crise econômica. Nesse período, a preocupação central era a construção simbólica do nacional dentro dos processos de inserção na modernidade. Em Havana, os movimentos sociais, o desprestígio institucional e a forte intervenção norte-americana fizeram com que as tensões se dessem em relação ao étnico-nacional, com fortes bases no liberalismo republicano, na vanguarda estética e no pensamento de esquerda (MORENO, 2009, p. 63).

Segundo Francy Moreno (2015, p. 61-63), Piñera explorava sua identidade como cubano, mas o fazia de uma forma particular. Sua elaboração poética da atmosfera insular

se afastava de qualquer exaltação da nação ou do território. Imagens do cotidiano cubano se intercalavam com digressões sobre o passado de devastação. Ambas prescindiam de eufemismos e não ocultavam a amargura. Encontram-se ali cenas de miséria, morte e sensualidade por meio de uma narrativa que transmite a sensação de asfixia e impotência, com marcado tom de ironia:

La maldita circunstancia del agua por todas partes/ me obliga a sentarme en la mesa del café./ Si no pensara que el agua me rodea como un cáncer hubiera podido dormir a pierna suelta./ Mientras los muchachos se despojaban de sus ropas para nadar/ doce personas morían en un cuarto por compresión./ Cuando a la madrugada la pordiosera resbala en el agua / en el preciso momento en que se lava uno de sus pezones, / me acostumbro al hedor del puerto, / me acostumbro a la misma mujer que invariablemente masturba, / noche a noche, al soldado de guardia en medio del sueño de los peces. / Una taza de café no puede alejar mi idea fija, / en otro tiempo yo vivía adánicamente. / ¿Qué trajo la metamorfosis? (PIÑERA, 1983, p. 16-19)

Ainda segundo Moreno (2015, p. 63), o motivo principal do poema é a vida em uma ilha que contém a desmesura e se debate entre o sexo e a morte. Cintio Vitier, em *Lo cubano en la poesía* (1958), afirmou que o poema como testemunho da cubania "está falseado", pois ali o leitor encontra "resentimiento cultural" e puro "acto sexual", mas não algum tipo de "conocimiento" (VITIER, 1958 apud MORENO, 2015, p. 64).<sup>16</sup> Mariel, entretanto, defendeu que *Isla en Peso* resumia o drama da perseguição e da asfixia de todo um povo, e que abordava a história do país e a "tradição" cubana:

Esa sublevación contra todo aquello que nos reduce encuentra en *La isla en peso* (1943) de Virgilio Piñera una culminación; culminación que es a la vez cimientamiento y justificación para toda su obra futura. Ya que este poema es la base de toda la obra piñeriana; él nutre y fundamenta lo mejor de su creación, dándonos las claves para su comprensión global. El mismo es el drama de la intemperie y la persecución, la desesperación, el vacío y las asfixias de todo un pueblo. Inspiración y documento, imagen y ritmo, furor y lucidez; se trata

---

<sup>16</sup> De acordo com Francy Moreno (2015, p. 65), leituras mais recentes tendem a modificar essas opiniões pejorativas, vendo com um valor positivo o tom pessimista e as críticas que aparecem ao longo dos versos. Thomas F. Anderson, por exemplo, opina que as imagens de miséria, frustração e racismo levam a uma condenação implícita do imperialismo, ao mesmo tempo que servem para remover o mistério que pudesse acompanhar imagens estereotipadas do paraíso tropical - tradicionalmente associadas a paisagem antilhana. Duanel Diaz, por sua parte, enfatiza o caráter agônico do texto que apresenta o poeta em tensão constante com um meio opressivo. Já Rafael Rojas destaca o particular humor absurdo que caracteriza o modo como Piñera se refere aos corpos nessa obra e sua intenção de apontar lugares comuns que serviam para cimentar mitos nacionais.

de una suerte de frenética espiral donde entre vertiginosas dentelladas se habla a la vez de nuestra tradición y de nuestra historia, se explica y se replica, se maldice e invoca. Obra totalizadora, resume a través de la indignada, amorosa y conmovida memoria del poeta la historia de nuestro país. Comenzando por la fatalidad insular, "la maldita circunstancia del agua por todas partes", retoma nuestras calamidades y tradiciones más variadas, invasiones, esclavitud, explotaciones, catequizaciones, hipocresías, concepto del pecado original, angustia existencial; la frustración de un pueblo sucesivamente castrado en sus esencias y siempre recuperándolas o al menos intentándolo (ARENAS, 1983, p. 22).

Dessa forma, constrói-se na publicação uma tradição cubana de fatalidade, sofrimento, opressão, exploração, violência e autoritarismo, bem como de resistência e luta. As obras de Piñera eram consideradas essenciais para se pensar essas questões, visto que, na perspectiva da publicação, o drama de Virgílio era igual ao de todo homem tropical e insular, constituído pelo absurdo, o patético e o desenraizamento:

Así la luz, duplicadora implacable, no sólo muestra, sino demuestra que si se le obedece paraliza, si se le contradice mata. El drama de Piñera es pues el drama intrínseco del hombre tropical e insular, el drama de la intemperie y las sucesivas estafas, el drama de la desnudez y el desamparo ante la vasta chatadura de un paisaje que sucumbe perpetuamente ante invasiones sucesivas. Ese hombre ofendido, desposeído y sin dioses, contando solo con su desarraigo, es una figura grotesca, patética y absurda que en medio del resplendor se bate y rebate entre una explanada y un muro dominados por un foco aún más descomunal. Nuestro héroe (o antihéroe) contemporáneo al asumir la tragicidad, el resplendor, la verdad insularantillana, y muy específicamente cubana, se contempla bañado (o anegado) por una claridad que lo refleja y obsede, condenándolo a perecer si se rebela y a desaparecer si acepta. Por distintos caminos llegamos a aquella luz de la que nos hablara Martí, la que ilumina y mata (ARENAS, 1983, p. 20).

A partir das análises sobre Piñera, a revista chega às obras de José Martí, estabelecendo relações com o nacionalismo cubano. Assim como em Martí, o sentido do povo cubano poderia ser localizado nas obras piñerianas, sendo esse a perseguição, a resistência e a sobrevivência, reunidos na figura da barata kafkiana:

En realidad, los protagonistas de los mejores cuentos de Piñera y de sus tres novelas publicadas son cucarachas. Condición que no deben confundirse, como superficialmente se ha hecho, con la aventura kafkiana en la cual el sufrido insecto tiene más bien um carácter simbólico relacionado - eso dicen los críticos con la alienación social, el mundo superindustrial y la discriminación judaica. Nuestras cucarachas - o nuestras cucarachitas - piñerianas no están emparentadas con esa superestrella de los insectos modernos llamado Gregorio Samsa. Nuestra cucaracha ha sufrido y sufre la persecución sobrevida. Sabe que la luz, ese resplendor infernal, esa conminación

avasalladora, ese fuego, es el simbolo de la muerte y corre en cualquier dirección pero hacia lo oscuro y húmedo: intersticio, hueco promisorio, sótano. Sobrevivir es para nosotros - cucarachas - esconderse, pasar inadvertidos, desaparecer del radio (o radar) implacable que ilumina el reflector al caer sobre la explanada o sobre el mar. Esa resistencia, esa intuición, ese pánico a la luz infernal - tropical vuelve otra vez en las narraciones de Piñera a ofrecernos no sólo la clave de su obra total, sino el sentido de sobrevivencia de un pueblo, maestro en el arte de desaparecer, esconderse, correr, burlar al perseguidor y sobrevivir (ARENAS, 1983, p. 20).

Entendemos que os discursos sobre o exílio, a literatura do século XIX e a figura de José Martí exerceram uma função cara em *Mariel* para a construção de uma retórica nacionalista, que legitimou os intelectuais da revista e os inseriram dentro de discursos sobre a nação cubana. Assim, o exílio e o sofrimento eram fatores que conferiam unidade e continuidade entre o herói nacional e a geração de Mariel. O reconhecimento social e intelectual dos marielistas era um dos objetivos principais do projeto identitário da geração de Mariel, entendemos, portanto, que a figura de Martí também é apropriada na revista com essa finalidade. De acordo com Julio Ramos (2008, p. 291), as narrativas de exílio de Martí projetam constantemente uma narrativa nacionalista.

O estado natural de medo piñeriano, entretanto, possuía uma especificidade: a vivência em uma sociedade de tradição católica, preconceituosa e machista. Ser homossexual assumido lhe trouxe grandes problemas (MISKULIN, 2013, p. 135). De acordo com Silvia Miskulin (2013, p. 135), em sua autobiografia póstuma<sup>17</sup>, o escritor relatou o momento em que percebeu que era pobre, homossexual e gostava de arte, e deixou claro que a descoberta dessa trindade e o sentimento de culpa nunca mais o abandonaram, pois eram “três coisas sujas o bastantes para não se poder lavar jamais delas”. Piñera também relatou que teve de esconder seu desejo homossexual durante um tempo, pois logo percebeu que tal comportamento era considerado doentio e repugnante pela sociedade que predominava em Cuba. Segundo artigo publicado em *Mariel*:

El miedo es para Virgilio Piñera su estado natural. "Tendré que decirlo de una vez, mi torcedor es el miedo", escribe en su cuento El enemigo, y seguidamente agrega: "miedo que tiene origen en un sentimiento de culpa". Y aquí resulta inevitable traer a colación la manifiesta condición homosexual de Piñera en

---

<sup>17</sup> PIÑERA, Virgilio. Autobiografía. *El Público*, Espanha, p. 108 – 115, maio/junho de 1990.

una sociedad eminentemente máchista donde los prejuicios son leyes amparadas además por la tradición católica y hebrea. [...] Unamos a ese prejuicio judaico-cristiano, a esa "abnegada" madre, y a esa sociedad de machos sentimentales y "mujeres pulpos" la institucionalización de todo ello mediante una dictadura monolítica y militar que no vacila en emitir incesantes leyes que condenan con prisión, trabajos forzados o fusilamiento cualquier desviación sexual, y por lo tanto "moral", y tendremos delineado perfectamente el cuerpo total del miedo piñeriano. Tendremos, para decirlo con sus propias palabras en *Dos viejos pánicos*: "carne con miedo, mi amor, carne con miedo". La vida es para este hombre que marcha a contracorriente un mundo de leyes implacables [...] Un mundo de policías que emergen de todos los sitios, a veces no precisamente uniformados como tales, para conducirnos a la celda o a la plantación... A partir de 1960 Virgilio Piñera fue arrestado en su casa en la playa de Guanabo y conducido a presidio común, es fichado y vigilado no sólo por lo que escribe, sino por lo que no escribe, por su falta de cooperación, por su manera de andar o de manifestarse, por alguna conversación o *reunión* íntima en casa de *algún* amigo. La *luz* antillana-cubana, nuestra traidora e implacable luz, há llegado ahora a su cénit: ese foco descomunal que nos alumbra de golpe el rostro ante el oficial que nos interroga... Para sobrevivir en un medio semejante se impone la transmutación, la máscara, el doble, o el descenso apresurado a lo oscuro, antes de que seamos aplastados. Se sobrevive sólo para - y gracias - al miedo y finalmente se es aniquilado - como el mismo Piñera escribe en su cuento El enemigo- "por las manos del miedo"(ARENAS, 1983, p. 21). [itálicos do autor]

Dessa maneira, além de denunciar o autoritarismo e a homofobia do regime cubano, *Mariel* insere o medo, a homossexualidade e diferentes estratégias de acomodação durante o exílio interior dentro de discursos sobre a identidade cubana e, portanto, dos próprios marielistas, reforçando a identidade simultânea como cubanos e como homossexuais.

A memória do escritor foi disputada com o regime revolucionário principalmente porque a partir da segunda metade da década de 1970 e, com mais intensidade, durante os anos 1980, apareceram de novo livros e peças de teatro de autores considerados "problemáticos" anteriormente. Além disso, a crítica começou a ocupar-se abertamente da obra desses escritores e lhes chamou para tarefas como participação em concursos como jurados e eventos culturais como a *Feria del Libro*. No caso de Virgilio Piñera, falecido em 1979, suas obras voltaram a ser encenadas nas décadas de 1980 e 1990, tanto as já conhecidas quanto aquelas até então inéditas.<sup>18</sup> De acordo com *Mariel*, em 1983,

---

<sup>18</sup> O que não quer dizer que cessaram as críticas ao escritor dentro da ilha. Em 1987, Eliades Acosta Matos publicou um texto sobre *Un fagonazo*, livro de contos póstumo de Piñera, no qual questionava: "¿Por qué

essa seria mais uma forma de “assassinar a verdadeira imagem do escritor”, “apagando suas contradições com o sistema” na tentativa de construção de uma relação mais positiva do regime com os intelectuais após o *quinquenio gris*:

Pero ese terror, ese pánico, se apodera también del gobierno cubano que atemorizado de la sombra negativa que pueda proyectar para la dictadura la imagen de Piñera muerto en pleno ostracismo, ahora que ya el cadáver es inofensivo, trata nada menos que de rehabilitar/o. Su foto ha aparecido hasta en el *Granma* (órgano oficial del Comité Central del Partido Comunista de Cuba) y hasta han llevado a escena una de sus obras teatrales, *Aire frío*, que tiene lugar en la Cuba precastrista...De todos los asesinatos o muertes que ha padecido Piñera, el quinto, el de la rehabilitación póstuma es el más infame y cínico; no se conformaron con asesinar su cuerpo, con asesinar su obra escrita y por escribir, con asesinar su vida, proibiéndole hasta el habla, sino que ahora se asesina su imagen verdadera y se nos brinda un Virgilio Piñera antiséptico y purificado que ni siquiera estuvo en contradicción con el sistema, un muerto útil, un cadáver disponible - y sin reclamo - del cual podemos utilizar la parte que mejor nos convenga y desechar el resto. En su quinta muerte Virgilio desaparece y es sustituido por el muñeco (ARENAS, 1983, p. 23).

Reivindicava-se, assim, o Piñera crítico e vitimado em seu exílio interior. Arenas considerava um ato heroico a apresentação da obra *Dos viejos pánicos* – crítica à burocracia e ao autoritarismo do regime cubano – para o Concurso *Casa de las Américas*, em 1968. Em outros trechos da revista, Reinaldo Arenas (1983, p. 23) chega a acusar a *Seguridad del Estado* de literalmente ter assassinado o escritor, levantando questionamentos sobre as circunstâncias do ataque cardíaco que levaram à morte de Piñera e reforçando sua posição de vítima dentro do regime.

---

tenemos que aceptar tácitamente, como algo normal y lógico, que un escritor cubano, genial y bien preparado como lo fue indudablemente Piñera, viviendo hasta su muerte inmerso en la inmensa marea de un hecho histórico y cultural sin precedentes en la historia de su país, como lo es la Revolución Cubana, haya hecho cuentos tan asépticos y descontextualizados como los de *Un fogonazo*? ¿En nombre de qué supuesta libertad de expresión o de creación puede un intelectual aislarse de un mundo en ebullición que diariamente golpea a su punta [sic] clamando también por su aporte en su eterna lucha por la perfección? ¿Puede aceptarse como lógica la autocondena de Piñera al ostracismo, el autoexilio al mundo de la fabulación, suponiendo incluso que no hayan podido ser aceptadas sus propuestas estéticas, en una coyuntura política muy concreta y por todos conocida?” (PERFIL DE SANTIAGO, 1988 apud ARANGO, 2007, p. 9)

O *Diccionario de la literatura cubana*<sup>19</sup>, publicado em 1980, também foi questionado pela revista. Organizado pelo Instituto de Literatura e Linguística da Academia de Ciencias de Cuba, o Dicionário é uma obra importante para as letras insulares, e contém as fichas biográficas dos escritores cubanos considerados mais relevantes até o momento de sua publicação. Uma série de autores foram incluídos para uma “reabilitação” da marginalização à qual haviam sido submetidos. Além de Piñera, Antón Arrufat, Eduardo Heras León, Heberto Padilla, Manuel Díaz Martínez, César López, Pablo Armando Fernández, José Lezama Lima, José Triana, José Lorenzo Fuentes, Abelardo Estorino, Reinaldo Arenas, entre outros, foram incluídos. Acerca do verbete sobre Piñera, Reinaldo García Ramos, diretor de *Mariel*, afirmou que a publicação silenciou informações a seu respeito, como seu exílio interior, o cerceamento às suas publicações, bem como sua homossexualidade, ocasionando uma deturpação no verbete:

En el caso de Virgilio, Menton comete uno de sus aislados aciertos y quizás la más notable de sus numerosas omisiones. En la página 180, reconoce que este autor "ocupa un sitio entre los primeros autores del mundo que cultivan la literatura del absurdo" (lo cual es justo pero inmediatamente afirma que "ha publicado muy pocos cuentos nuevos desde 1959" (p. 182-183). Dicho así, es como si Piñera hubiera escogido no publicar cuentos. Pero tal afirmación en realidad ignora el hecho bien conocido de que Piñera fue silenciado casi totalmente a partir de 1964 por su condición de homosexual y por su espíritu crítico ante lo que estaba sucediendo en su país, y que el grueso de su obra inédita - muy voluminosa, claro, y en la que seguramente había no pocos cuentos - fue secuestrado por la Seguridad del Estado a raíz de la muerte del escritor (GARCÍA RAMOS, 1983, p. 27-28).

No mesmo ano, a revista participou da organização do *Festival de las Artes en Miami*, em comemoração aos três anos do exílio massivo de Mariel, no qual peças de Piñera estiveram em cartaz, em reivindicação à memória do escritor como dissidente do regime revolucionário cubano.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://bib.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=254>.

## Considerações finais

As disputas pela memória ocuparam posição de destaque no projeto editorial estudado, e diversas figuras da intelectualidade cubana foram mobilizadas com esse fim, de modo que conformou-se um “contra-cânone” fragmentado da cultura da ilha, constituído por figuras do exílio e do “insílio”. A rede intelectual conformada ao redor da publicação foi integrada também por personagens referentes, estabelecendo-se “genealogias intelectuais”, nas quais os escritores marielistas se localizavam temporalmente em processos de longa duração para legitimarem sua posição (PITA GONZÁLEZ, 2008, p. 7). Sua concepção da identidade insular foi construída a partir de uma linguagem de sofrimento e asfixia existencial, e da retomada de um passado e de uma “tradição” de opressão, violência, autoritarismo e administração colonial, em clara alusão às suas experiências na ilha e em forma de crítica à Revolução.

Em sua autobiografia, Reinaldo Arenas menciona a revista *Ciclón* e sua plataforma estética renovadora: “Virgilio rompeu com a revista *Orígenes* por volta de 1957 e, junto com José Rodríguez Feo, fundou outra revista, muito mais irreverente; uma revista praticamente homossexual, durante a ditadura reacionária e burguesa de Batista”. O nacionalismo de vanguarda da revista *Ciclón* foi reivindicado por *Mariel*, principalmente por meio da figura de Virgilio Piñera. A publicação conjugou várias obras da literatura insular e o existencialismo absurdo piñeriano no debate acerca de identidade cubana. No caso de Piñera, as discussões acerca da homossexualidade foram centrais e, a partir do autor, a publicação inseriu a homossexualidade dentro de discursos sobre a identidade cubanas e sua “tradição” de opressão e resistência.

Entendemos que, dessa forma, discutiu-se a própria nação cubana, visto que, desde o século XIX, homossexuais foram simbolizados como entraves à existência nacional, visando uma “*nación-sexualidad imaginada, construida y subyacente en la concepción de la Nación misma, que garantiza a través de un conjunto de relaciones y representaciones simbólicas su estabilidad y su reproducción social*” (MADERO, 2005, p. 69). Afinal, a identidade nacional constitui um mecanismo de controle social, e “*la*

*construcción de la sexualidad empieza a ser utilizada para definir y regular las nociones de nacionalidad, capas, estamentos y clases sociales”* (MADERO, 2005, p. 69). Além disso, os desenhos das sociedades latino-americanas do século XIX, como a cubana, foram pensados em termos essencialmente masculinos (MADERO, 2005, p. 72).

Ainda que a Revolução de 1959 tenha marcado o início de um novo momento nacionalista, o "homem novo", simbolizado por Che Guevara, continha muitos traços de uma masculinidade viril e heteronormativa, e o regime revolucionário se apropriou simbolicamente das experiências nacionalistas do século XIX. Compreendemos que a revista se inseriu como agente insular no movimento por direitos da comunidade homossexual, tendo se utilizado da intelectualidade cubana para discutir essa questão e as próprias concepções de nação. Assim, concordamos com Mónica Simal (2016, p. 79) quando afirma que: *“Mariel hizo esta intervención cultural y política sobre el tema de la homosexualidad como parte de su estrategia de reescritura de lo cubano y del sujeto nacional”*.

Na construção de um discurso nacionalista, e simultaneamente homossexual, o resgate da literatura do século XIX e do capital simbólico de José Martí foram essenciais no contexto da revista. Durante o século XX, a cultura e a política em Cuba, dentro e fora da ilha, foram, em grande medida, construídas a partir da influência de José Martí. Desde as primeiras décadas do século XX, Martí se converteu em uma figura de adoração e culto para a sociedade cubana. Na década de 1920, entretanto, a veneração a José Martí se transformou em uma *“liturgia de la religión civil cubana”*, à qual apelavam políticos e intelectuais de todas as orientações ideológicas. A partir de então, uma quantidade significativa de políticos e intelectuais cubanos utilizaram da vinculação às ideias martianas a fim de construir uma credibilidade nacionalista (ROJAS, 2008, p. 146), como foi o caso dos marielistas.

A revista confrontou as memórias oficiais da Revolução Cubana, bem como seus esquecimentos, e deu visibilidade às perseguições aos dissidentes, às violações de direitos humanos e às prisões políticas, que eram ignoradas por muitos. O pujante caráter de denúncia da publicação visava conformar uma oposição política à Revolução a partir do

exílio, por meio da intervenção na esfera pública e da deslegitimação das retóricas oficiais.

## Referências bibliográficas

### Artigos

ARENAS, Reinaldo. La isla en peso con todas sus cucarachas. *Mariel*, n. 2, 1983, p. 20-24.

BLANC, Giulio V. Los cubanos de Paris. *Mariel*, n. 5, 1984, p. 29.

CIFUENTES, René. Los parametros del paraíso. *Mariel*, n. 5, 1984, p. 12.  
Consejo de Dirección, Hablemos Claro, *Mariel*, n. 5, 1984, p. 9.

GARCÍA RAMOS, Reinaldo. Los narradores perseguidos. *Mariel*, n. 2, 1983, p. 27-28.  
*Mariel*, n. 1, 1983, p. 16.

PIÑERA, Virgilio. La isla en peso. *Mariel*, n. 2, 1983, p. 16-19.

PERLONGHER, Néstor. Cartas de los lectores. *Mariel*, n.7, 1984, p. 38.

### Autobiografias

ABREU, Juan. *A la sombra del mar: jornadas cubanas con Reinaldo Arenas*. Editorial Casiopea, 1998.

ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

### Correspondências

CALVA, José Rafael [Carta] 3 agosto 1984, Washington, D.C. [para] GARCÍA RAMOS, Reinaldo. Nova York. 1f. *Mariel* (Revista) Papers. Cuban Heritage Collection. University of Miami.

GARCÍA RAMOS, Reinaldo [Carta] 6 abril 1984, Nova York [para] FOSTER, Stephen, Coral Gables. 1f. *Mariel* (Revista) Papers. Cuban Heritage Collection. University of Miami.

SIMO, Ana María [Carta] 8 out. 1983, Nova York [para] ARENAS, Reinaldo. Nova

York, com cópia para GARCÍA RAMOS, Reinaldo. Nova York. 2f. Mariel (Revista) Papers. Cuban Heritage Collection. University of Miami.

## Diários oficiais

*Gaceta Oficial de la Republica de Cuba*, La Habana, sábado 23 de junio de 1973, año LXXI.

*Gaceta Oficial de La Republica de Cuba*. La Habana, jueves 1 de marzo de 1979, año LXXVII.

## Discursos e declarações

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado en el Acto Conmemorativo del Primero de Mayo, efectuado en la Plaza de la Revolucion "Jose Marti", el 1ro de Mayo de 1980*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f010580e.html>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Declaración del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura (Fragmento). In: *Casa de las Américas*, año XI, n. 65-66, marzo-junio, 1971, pp. 4-19. Disponível em: <https://www.annillustration.com/archivodeconnie/wp-content/uploads/2007/08/Casal-doc.15.pdf>. Acesso em: 2 set. 2018.

Resoluções do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de Cuba. São Paulo: Livramento, 1980.

## Entrevistas

Reportaje a Nestor Perlongher. *Vamos a andar*, n. 11, Noviembre 1988, Disponível em: [http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2018/07/VamosAAAndarCHA\\_n11.pdf](http://americalee.cedinci.org/wp-content/uploads/2018/07/VamosAAAndarCHA_n11.pdf). Acesso em: 20 nov. 2018.

## Bibliografia

ANDERSON, Thomas F. Piñera y la política: escritos en Revolución y Lunes. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXXV, Núm. 226, Enero-Marzo 2009, pp. 71-94.

ARANGO, Arturo. Con tantos palos que te dio la vida: poesía, censura y persistencia. Conferencia leída por su autor, el 15 de mayo de 2007, en el Instituto Superior de Arte (La Habana), como parte del ciclo *La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión*, organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios.

ARANGO, Arturo. Pasar por joven (con notas al pie). Palabras leídas en el Taller «La política cultural de la Revolución», organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios y la Asociación Hermanos Saíz» y efectuado el 23 de febrero del 2007 en el Instituto Superior de Arte, La Habana.

ARGUELLES, Lourdes; RICH; Ruby B. Homosexuality, Homophobia, and Revolution: Notes toward an Understanding of the Cuban Lesbian and Gay Male Experience, Part II. Signs, Vol. 11, No. 1, (Autumn, 1985).

ARRUFAT, Antón. *Virgilio Piñera: entre él y yo*. Ediciones UNIÓN, La Habana, 2002.

BEIGEL, Fernanda. Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, enero-marzo 2003.

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CAPÓ JR., Julio. Queering Mariel: Mediating Cold War Foreign Policy and U.S. Citizenship among Cuba's Homosexual Exile Community, 1978–1994. *Journal of American Ethnic History*, Summer 2010, Volume 29, Number 4.

ESTÉVEZ, Abilio. Primeras confidencias. *Encuentro de la Cultura Cubana*, n. 14, otoño, 1999.

ETTE, OTTMAR. *La revista Mariel (1983-1985): acerca del campo literario y político cubano*. Mariel (Revista) Papers, 1985.

FORNET, Ambrosio. El Quinquenio Gris: revisitando el término. Conferencia leída por su autor, el 30 de enero de 2007, en la Casa de las Américas (La Habana), como parte del ciclo *La política cultural del período revolucionario: Memoria y reflexión*, organizado por el Centro Teórico-Cultural Criterios.

INGENSCHAY, Dieter. Exilio, insilio y diáspora. La literatura cubana en la época de las literaturas sin residencia fija, 2010. *Ángulo Recto. Revista de estudios sobre la ciudad como espacio plural*, vol. 2, núm. 1. Disponible em: <http://www.ucm.es/info/angulo/volumen/Volumen02-1/articulos02.htm>. Acesso em 20 ago. 2014.

MADERO, Abel Sierra. Sexualidades disidentes en el siglo XIX en Cuba. *E.I.A.L.*, Vol. 16 – No 1, 2005.

MADERO, Abel Sierra. El trabajo os hará hombres: Masculinización nacional, trabajo forzado y control social en Cuba durante los años sesenta. *Cuban Studies*, n. 44, 2016, pp. 309-349

MARQUES, Rickley. *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da Revolução Cubana*. Goiânia: EDUFMA, 2012.

MARRERO, Roberto Garcés. Los primeros años de la Revolución cubana y las Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP). *Historia Crítica*, n. 71, 2019, pp. 93-112.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961- 1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

MISKULIN, Silvia Cezar. *Las Ediciones El Puente* y la nueva promoción de poetas cubanos. In: BARQUET, Jesús. *Ediciones El Puente en La Habana de los años 60*. Chihuahua: Ediciones del Azar, 2011.

MISKULIN, Silvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgilio Piñera. COSTA, Adriane Vidal; BARBO, Daniel (orgs.). *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MORENO, Francly. La invención de una cultura literaria: Sur y Orígenes. Dos revistas latinoamericanas del siglo XX. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México, 2009.

MORENO, Francly. Cartografía cultural de Ciclón (La Habana 1955-1957/1959). 2015. 274 f. Tese (Doutorado em Letras). Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 21-22.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, p. 2. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 11 ago. 2014.

PIÑERA, Virgilio. *Contos frios*. São Paulo: Iluminuras, 1989.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente de estudios de redes intelectuales. In: PALÁCIO MONTIEL, Celia del; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (coord.). *Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*. México, Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, Gilliard. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

PRATES, Thiago Henrique Oliveira. "O mundo não acaba no Malecón": exílio, intelectuais e dissidência política nas revistas Encuentro de la Cultura Cubana e Revista Hispano-Cubana (1996-2002). 2015. 246 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2015.

RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina. Literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RUIZ BARRIONUEVO, Carmen. Ciclón, Los disidentes de Orígenes. *América: Cahiers du CRICCAL*, n. 21, 1998. Polémiques et manifestes aux XIXe et XXe siècles en Amérique latine. pp. 65-71.

ROJAS, Rafael. *Motivos de Anteo. Pátria y nación en la historia intelectual de Cuba*. Madrid: Editorial Colibri, 2008.

SABORIDO, Emilio J. Gallardo. (Super)vivencias grises: escritores y política cultural cubana durante la década de 1970. GARCÍA, Jesús Raúl Navarro; PALOMO, José Jesús Hernández; OYOLA, Ángel Luis Vélez; COLLAZO, Rafael Luis Cabrera (coords.) *El Caribe y sus relaciones con España: políticas y sociedades en transformación (siglos XIX-XX)*. Universidad Interamericana de Puerto Rico, 2013, pp.213-239.

SIMAL, Mónica. En defensa del intelectual homosexual disidente: la revista Mariel frente al discurso homofóbico de la revolución cubana. In: CUESTA, Mabel (Org.). *Nuestro Caribe: Poder, Raza y Postnacionalismos desde los límites del mapa LGBTQ*. San Juan: Isla Negra Editores, 2016.